

# HISTÓRIA DO CORPO NO BRASIL

MARY DEL PRIORE  
MARCIA AMANTINO  
(Orgs.)



editora

## Corpos pretos e mestiços no mundo moderno – deslocamento de gente, trânsito de imagens

*Eduardo França Paiva*

### O corpo do outro

Descrever o outro comparando-o a si é prática muito antiga e há uma infinidade de exemplos em várias épocas, sob diversas perspectivas – culturais, religiosas, econômicas, políticas, biológicas, entre outras. Guerras, comércio, peregrinações, deslocamentos forçados, migrações e viagens exploratórias sempre favoreceram essas comparações, que, ao final, ficaram como testemunhos muito importantes para os historiadores. A descrição dos corpos – e do que se usa sobre eles – sempre despertou a curiosidade e a atenção desses observadores, que relataram cores de pele, cabelos, formas anatômicas, marcas, como cicatrizes, cortes, escarificações e tatuagens, além de ornamentos, objetos, indumentária e traços físicos de certos grupos.

Desde muito cedo os africanos de todo o continente foram alvo de descrições e especulações de europeus e povos da Ásia. A cor negra da pele das populações de várias partes da África sempre intrigou e despertou admiração, desprezo e cobiça. É importante lembrar a antiga

associação bíblica entre os escravos negros africanos e Cam – que viu o corpo nu do pai, Noé, que jazia por terra embriagado, o qual, por isso, amaldiçoou os descendentes do filho a serem escravos de seus parentes. Entretanto, nem sempre as representações e as imagens construídas sobre os africanos, sobretudo sobre os negros, foram pejorativas e desqualificativas, como parece ter-se tornado comum a partir, talvez, dos séculos XIV e XV. Provavelmente o longo domínio dos mouros sobre a Península Ibérica e a associação crescente entre estes, os muçulmanos, turcos, negros e o tráfico de escravos para a Europa tenham acentuado visões negativas sobre eles. Uma exceção seria a representação do rei mago Baltazar como um negro, com vestes à moda oriental, com séquito de negros e com ricos presentes para o menino Jesus, que parece ser contemporânea a essa maior depreciação. No caso, é bem possível que a moda de Baltazar evocasse soberanos negros da África católica, como o lendário Preste João e, mais tarde, os imperadores do Congo, assim como os povos salvos da barbárie pelo cristianismo, como os etíopes e os núbios. Era justamente o contrário da selvageria dos mouros e, por isso, o rei negro cristão aparecia como uma espécie de antídoto possível e o tópos adoração dos reis magos se espalhou pelos ateliês europeus e perdurou com vitalidade até, pelo menos, o século XVII.<sup>1</sup>

Antes do século XIV, textos importantes sobre os povos africanos não veiculavam imagens tão marcadamente depreciativas. As referências feitas pelo geógrafo Abū Abdallah Muhammad b. Muhammad b. Idris al-'Alī bi-amr Allah al-Idrisī sobre as várias populações negras africanas que ele teria visitado durante o século XII são majoritariamente elogiosas, e sua obra serviu como referencial até o século XVI. Composta para o rei Rogério II da Sicília, que governou até 1154, a ampla descrição geográfica do Ocidente vinha sendo preparada por mais de quinze anos, e Idrisī apenas iniciou sua redação quando o

1 Stols, Aparências, imagens e metamorfoses dos africanos na pintura e na escultura flamenga e holandesa (sécs. XV-XVIII). In: Furtado (Org.), *Sons, formas, cores e movimentos na modernidade atlântica*. Europa, Américas e África, p. 229-75.

rei morreu. Ainda assim, o *kitāb*<sup>2</sup> provavelmente fora finalizado no mesmo ano de 1154, ainda que mais tarde Idrisī tenha acrescentado outras informações. Na maioria das vezes, os habitantes da África Central, da África Ocidental, da África Setentrional, da “Terra dos Negros”, do Maghreb, de Ifriqiyya, do Mali, de Ghâna, da Abissínia, da Núbia são descritos como corajosos, bravos, empreendedores, engenhosos e industriais. Mas, ao descrever os núbios, sobretudo as mulheres, Idrisī deixa entrever (embora sem desqualificar os demais) a imagem sobre os negros das outras regiões.

As mulheres são aí de uma grande beleza e elas são excisadas. Elas são de um extrato nobre que não é o dos negros. Em todas as localidades do território núbio as mulheres são de uma beleza perfeita: elas têm os lábios finos, a boca pequena, os dentes brancos e os cabelos lisos. Em parte alguma, seja entre os Maghsharen, entre os habitantes de Ghâna ou de Kanem, entre os Béja, entre os Abissínios (Habasha) ou entre os Zandj, se acham mulheres com cabeleiras semelhantes, lisas e esvoaçantes; acham-se apenas entre as núbias. Não há mulheres mais desejadas para o casamento que elas. É por isso que o preço de uma escrava dessa região alcança trezentos dinares ou um pouco menos. Essa perfeição faz que os príncipes do Egito lhes procurem, superestimem seu preço e as façam mães de seus filhos, em razão do prazer que elas lhes dão e da beleza sem igual.

Conta-se que em al-Andaluz o vizir Abū al-Hasan, conhecido por al-Mushafī, possuía uma dessas escravas. Ele jamais havia visto forma tão perfeita, bochechas mais suaves, sorriso mais belo, dentes mais graciosos, pálabras mais delicadas, enfim, beleza mais completa. Esse vizir estava tão apaixonado por ela que ele quase não conseguia se afastar dela. Ele havia lhe comoprado por duzentos e cinquenta dinares almorávides. Além de sua perfeição e de sua beleza extraordinária, ela falava de maneira charmosa, que encantava seu interlocutor pela delicadeza de sua locução e pela doçura de seu sotaque. Tendo sido criada no Egito, ela se tornou perfeita em todos os aspectos. [...]

2 Livro, em árabe (N. E.).

3 Tradução em português a partir da versão francesa de Idrisī. *La première géographie de l'Occident*, 1999, p. 82-3.

Eles aqui [Núbia] são negros, mas eles são os mais belos entre os negros, tanto no que se refere ao rosto quanto à forma do corpo.<sup>4</sup>

Não obstante claro, deixar em sua opinião, que havia negros mais belos que outros, em momento algum o geógrafo de origem muçulmana, provavelmente tenha nascido em Mazara (Sicília) ou Ceuta (território espanhol na África), construiu visão demasiadamente depreciativa das populações da "Terra dos Negros". No lugar da beleza, atribuiu a esses últimos várias outras virtudes.

Quase dois séculos depois de Idrisi, outro viajante muçulmano, Ibn Battuta, cuja peregrinação a Meca durou 23 anos, passou por partes da "Terra dos Negros" e também deixou vários registros sobre o que viu. Durante sua estada na região, ele distinguiu brancos (aos quais pertenciam, como fez questão de deixar claro em diversos trechos do relato) de negros e chegou a indicar os limites possíveis da relação entre eles, sem provocar nenhuma reação violenta por parte dos negros. Nesse sentido, sua descrição se diferenciava bastante da deixada por Idrisi. Entretanto, sem querer Battuta também registrou sua visão muçulmana mediterrânea (nascera em Tânger, atual Marrocos), um tanto discriminatória dos islamizados da África negra. Ao mesmo tempo que sublinhava a hospitalidade desses povos, demonstrava grande incômodo por estar entre eles e evidenciava seu desconforto com relação aos costumes das mulheres do grupo. A amizade entre as casadas e outros homens e a permissividade dos maridos o deixava claramente constrangido e ele desaprovava vigorosamente tal proximidade, inclusive entre seus corpos. A reprodução que segue, de um trecho de seu relato, é muito oportuna:

Perguntei ao dono da casa: "Quem é esta mulher?" E ele me respondeu: "É minha esposa." Diante disso, disse-lhe: "E que relação ela tem com o homem que a faz companhia?" "É um amigo", respondeu-me. E eu: "E estás satisfeito com tal coisa, tu que vivesse em nossos países e que conhece a lei de Deus?" E ele respondeu-me: "A amizade de homens e mulheres entre nós é

4 Ibid., p.88. *Ceux-ci sont des Noirs, mais il sont les plus beaux parmi ceux-ci, tant sous le rapport du visage que sous celui de la forme du corps.*



Figura 31

Museu do Louvre, Paris – Antiquités égyptiennes – Sala 26 – Le nouvel empire – Toutânkhamon et ses successeurs. Príncipes estrangeiros rendendo homenagem ao rei do Egito. Toutânkhamon, c. 1330 a.C. – Saqqara. tumba do general Horemheb – calcário Da direita para a esquerda, os chefes da Líbia, da Núbia e da Síria-Palestina.

bem-vista e não tem nada de suspeito. Além disso, nossas mulheres não são como as vossas". Fiquei espantado com sua estupidez, saí da casa e me neguei a voltar mais, mesmo tendo sido convidado várias vezes.<sup>5</sup>

A respeito de Mali, ao final o peregrino relacionou diversas virtudes dos negros, entre elas o respeito pelos bens dos brancos e a segurança absoluta que reinava naquelas terras. Entre os vícios, mais uma vez condenava o costume das escravas e das meninas de andarem nuas e das princesas de não usar o véu. Corpos femininos à mostra e a amizade entre homens e mulheres, na sua visão, eram sinônimo de promiscuidade, de luxúria e de ofensa às leis do Alcorão. No entanto,

5 Tradução em português a partir da versão espanhola de Battuta, *A través del Islam*, 2006.

mesmo diante disso, Battuta não formulou uma imagem demasiadamente depreciativa dos negros.

Mas a imagem de lascivos, sexualmente desregrados e imorais seria, a partir daí, entre europeus e muçulmanos, cada vez mais associada aos africanos, em especial aos negros, e mais tarde atravessaria o Atlântico. Segundo outro geógrafo e viajante de origem muçulmana (ainda que também batizado em Roma, pelo próprio papa Leão X, de quem se tornara escravo), Juan León Africano (al-Hasan b. Muhammad al-Wazzān), a lascívia era marca geral entre africanos de todo o continente. Esse homem que nasceu em Granada, pouco antes da reconquista pelos reis católicos de Castela e de Aragão – Fernando e Isabel –, viveu entre o Islã e o catolicismo, entre cortes de sultões e do papa, entre a liberdade, o cativo e a escravidão e viajou por boa parte do mundo antigo, escreveu em seu livro terminado em 1526:

Na Terra dos Negros a vida é muito mais curta que entre outras nações; seus homens são robustos, com firme e bonita dentadura, mas são muito luxuriosos, assim como os da Líbia e da Númídia. Os da Berbéria são, comumente, menos apaixonados.<sup>6</sup>

Juan León Africano listou, também, virtudes e vícios dos negros. Associados à descrição anterior, ele juntava:

Os negros levam uma boa vida; são fiéis, mimam o forasteiro e dedicam todo o seu tempo ao prazer e a viver alegremente, dançando e andando sempre em festas, comilonas e com várias distrações; muito sensíveis, dispensam grandes honras aos homens sábios e a religiosos. Desfrutam mais do tempo que todos os outros africanos.<sup>7</sup>

6 Tradução em português a partir da versão espanhola de Africano, *Descripción general del África y de las cosas peregrinas que allí hay*, p.130.

7 *Ibid.*, p.134.

Mas, logo em seguida, o viajante geógrafo não se furta em listar os vícios dos negros, observando que não poderia deixar de fazê-lo, ainda que a África o tivesse nutrido, ainda que ele tivesse sido criado ali e passado a maior e a melhor parte de seus anos.

Por sua parte, os [habitantes] da Terra dos Negros são bestialíssimos, gente sem cabeça, engenho, nem sentido, tudo desconhecem e também vivem à guisa de animais sem regras e sem lei. Abundam as prostitutas e, por isso, os cornudos, excetuando-se alguns que moram em povoados grandes e têm por isso algo de respeito humano.<sup>8</sup>

Há certa relativização nas palavras de León Africano, mas fica claro que a sensualidade e o uso que os negros faziam de seus corpos era algo que degenerava o conjunto. Estava aí uma das ideias mais importantes que, até pelo menos o fim do século XIX e o início do XX, deram sustentação à teoria da degenerescência pela mestiçagem biológica, sobretudo nas Américas. Esse assunto será retomado adiante.

Entre os cristãos e, mais especificamente, os católicos, imagens muito menos relativizadas e nada elogiosas sobre os negros africanos já haviam sido incorporadas pelo menos desde o início do século XV. Cronistas e viajantes deixaram seus testemunhos sobre isso.

Os portugueses produziram vários registros a partir de inúmeros contatos travados nas costas ocidental e oriental do continente africano, e também na Ásia. Eles foram pioneiros no contato e no comércio com povos de todas essas regiões e, em grande medida, contribuíram para que tais localidades e seus habitantes se tornassem mais conhecidos na Europa. Os portugueses ainda foram pioneiros no comércio de escravos africanos com esse continente, sobretudo com Lisboa, cidade que ficou conhecida na época pela enorme quantidade de moradores negros e de seus descendentes, inclusive mestiços. Basta lembrar que a fortaleza, ou o Castelo de São Jorge da Mina, foi a primeira construção europeia erigida na África, em 1482, usada com sucesso pelos

*Ibid.*, p.135.



negreiros portugueses para o comércio de escravos e de riquezas produzidas na região do antigo Império Mali. De lá, desde o século XV, muitos escravos e ouro foram levados a Lisboa. A partir do século XVI, o Castelo da Mina, como ficou conhecido, transformar-se-ia em base extremamente importante para o tráfico atlântico de escravos africanos, isto é, tal comércio com as Américas. Mas o castelo foi capturado pelos holandeses durante o século XVII, o que obrigou os portugueses e os brasileiros a explorar outros portos na costa atlântica africana a partir daí e, também, a intensificar o tráfico de escravos oriundos de Angola (também invadida pelos holandeses), do Congo e de Moçambique.

Entretanto, muito antes de os ibéricos conquistarem e repartirem o Novo Mundo entre si e de se iniciar o tráfico atlântico, a Península Ibérica e outras áreas da Europa já recebiam milhares de escravos africanos, que trabalhavam em áreas tanto rurais quanto urbanas. Essa forte presença, nem sempre devidamente lembrada, ajudou bastante a espalhar, entre a população, visões e representações de variados tipos sobre esses homens e mulheres negros, vindos de regiões tão distantes, detentores de culturas, costumes, crenças e línguas tão diferentes.

Na primeira metade do século XV, por exemplo, a vila de Lagos, no Algarve, extremo sul da Península Ibérica, recebia levadas de escravos provenientes do continente africano, quase todos mouros (negros muçulmanos ou islamizados provenientes da Mauritânia). Junto de todos aqueles homens e mulheres publicamente expostos aos compradores de gente, junto daquele conjunto de corpos, uns mais desnudos que outros, multicolores, marcados por escarificações e tatuagens, operaram-se sentimentos e valores já bastante pejorativos, quase sempre acionados pelos observadores daquele espetáculo brutal. Em 1443, Gomes Eanes de Azurara, célebre cronista português, presenciou uma cena que, mais tarde, em 1448, descreveu na sua não menos conhecida *Crônica do descobrimento e conquista da Guiné*.<sup>9</sup> Segundo ele, partirham-se, naquele ano, em Lagos, 235 cativos mouros trazidos pelo capitão Lançarote. A divisão foi feita em cinco partes, sendo uma

9 Azurara, *Crônica do descobrimento e conquista da Guiné*.

delas destinada ao infante D. Henrique, e ocorreria em "campo que está além da porta da vila",<sup>10</sup> local semelhante, talvez, aos mercados de escravos que mais tarde existiram no Brasil e na América espanhola. A descrição é rica em detalhes relativos à cor da pele dos cativos e ao fenótipo deles, tudo imbuído, claro, de um olhar europeu e de um padrão de beleza igualmente ocidental e, ao mesmo tempo, ocidentalizante; talvez fosse mesmo mais acertado dizer cristão e cristianizador:

[...] os quais [cativos], postos juntamente naquele campo, era uma maravilhosa cousa de ver, cá entre eles havia alguns de razoada brancura, formosos e apostos; outros menos brancos, que queriam semelhar pardos; outros tão negros como etiópicos, tão desafiçados, assim nas caras como nos corpos, que quase parecia, aos homens que os esguardavam, que viam as imagens do hemisfério mais baixo.<sup>11</sup>

Outro português, frei João dos Santos, dominicano nascido em Évora, deixou preciosos registros sobre os negros de Moçambique, chamados de cafres:

Os mais destes cafres são pretos como azeviche, de cabelo crespo, e gentis homens, e mais particularmente o são os mocarangas que vivem nas terras do Quiteve. Todos trazem a cabeça cheia de cornos, por galantaria, os quais fazem do mesmo cabelo, forcidos, e direitos para cima como um fuso, e dentro neles metem uns paus delgados, para que andem direitos, sem se poderem dobrar, e por fora os trazem enrolados uma fita de certa casca de erva como casca de trovisco, a qual enquanto está fresca pega como grude, e depois de seca fica pegada, e dura como pau. Com essas fitas cingem os cabelos em molhos da raiz até a ponta, fazendo de cada molho um corno muito bem-feito, e nisso têm toda sua bizarrria, e galantaria, consertando-se uns aos outros. Zombam muito dos homens como macho há de ter cornos, comparando-se nisso como os silvestres animais, entre os quais as fêmeas não têm cornos, como são os veados, merus, zebras, paráparas, e nondos. Nenhum cafre pode trazer os cornos da feição e modo que os traz o Quiteve, o qual traz quatro cornos, um de palmo sobre a moleira, como unicórnio, e três de meio palmo,

10 Ibid.

11 Ibid., p.97.

um deles sobre o tóutico, e dois sobre as orelhas, cada um de sua parte, mui direitos para cima, e por respeito destes cornos andam todos com a cabeça descoberta, e não usam de chapéus.<sup>12</sup>

Como se não bastassem, cabelos enfeitados animallescamente com cornos e, certamente, ritos e ritmos com os quais esses homens valorizavam seu desempenho masculino, o conjunto completava-se com a nudez desavergonhada do restante da população. Muito facilmente, essa realidade um tanto bizarra foi confundida, rapidamente, com o imaginário europeu do inferno e do demônio. Por isso, na descrição de Azurara anteriormente reproduzida, a parte mais grotesca dela ficou associada ao “hemisfério mais baixo”. Na crônica de frei João dos Santos, o cotidiano dos cafres beirava o imaginário do inferno, embora isso não fique explicitado em suas palavras. No entanto, ele continuava descrevendo-o, estupestato:

O vestido do rei, e dos mais senhores, é um pano fino de algodão, ou de seda, cingido da cinta para baixo até os artelhos, e outro muito maior do mesmo algodão, que os cafres tecem, a que chamam machiras, ou de seda, lançado pelos ombros ao modo de capa, com que se cobrem, e embuçam, deixando sempre a ponta do pano da mão esquerda tão comprida, que lhe vá arrojando pelo chão, e quanto mais lhe arrasta, mais majestade, e gravidade é para eles, e todo o mais corpo trazem nu. Andam todos descalços até mesmo o rei. Os demais cafres pobres que são quase todos, andam nus, assim homens como mulheres, sem se estranhar, nem terem disso pejo, e os que mais bem vestidos andam trazem uma pele de bugio pendurada da cinta para baixo, por diante, como avental de ferreiro, e as mulheres o mesmo, e todo o mais corpo anda nu, por causa de serem muito pobres, e não terem posse para comprar um pano com que cubram pelo menos da cinta até o joelho.<sup>13</sup>

Vale a pena insistir: os observadores, fossem eles cristãos ou muçulmanos, estivessem eles na Península Ibérica ou na “Terra dos Negros”,

12 Santos, *Etiópia Oriental e vária história de cousas notáveis do Oriente*, p.111.  
13 *Ibid.*, p.111-2.

foram unânimes em sublinhar os costumes desses povos de andarem descalços, nus ou seminus, pondo à mostra suas “vergonhas”, e de marcar seus corpos com cicatrizes e tatuagens, além de ornamentar seus cabelos bizarramente. É bem verdade que uns relativizaram essa visão mais do que outros, como já ressaltai. Entretanto, tratava-se, obviamente, de imagens bem distintas das cultivadas nas cidades e nas cor-



Figura 3.2  
Cafres do  
Cabo de (Boa)  
Esperança – Códice  
1889, Biblioteca  
Casanatense de  
Roma (meados  
do século XVI).

tes europeias da época. O próprio clima impedia que os europeus mais pobres andassem, mesmo durante o verão, desnudos como os africanos. As comparações, portanto, foram inevitáveis. Faziam-nas homens da Corte, religiosos, comerciantes, gente do povo. A presença física dos africanos em cidades e vilas, como Lisboa, Faro, Sevilha, Granada, Cádis, Nantes, Liverpool, Antuérpia, Colônia, Nápoles, entre outras, consolidou um imaginário bastante depreciativo com relação a estes.

Como já disse, essas representações europeias, assim como as muçulmanas sobre os negros e, em certa medida, as deles sobre si, atravessaram o Atlântico a partir do século XVI, contribuindo fortemente para o engendramento de um novo conjunto imaginário, dessa vez americanizado. No Novo Mundo, a marca distintiva talvez tenha sido a rápida e intensa mestiçagem biológica e cultural ocorrida desde

os primeiros anos da conquista. Não que essas misturas inexistissem nas outras partes do mundo. No entanto, o fenômeno americano esteve desde o início associado à sua própria novidade e aos nativos desse enorme continente, bem como à ampliação física da globalização dos grandes deslocamentos populacionais em direção ao Novo Mundo e, finalmente, à adoção precoce da escravidão indígena e africana.

A maior parte dos valores que subjazem nessa descrição chegaria às terras conquistadas do Novo Mundo mesmo antes das primeiras entradas de escravos africanos, com as tripulações dos navios e as primeiras levadas de migrantes. Muito desse conjunto foi imediatamente aplicado aos nativos, por vezes em sentido contrário. Esse tipo de operação cultural estabeleceu aproximações comparativas entre os "índios" americanos e os africanos que, um pouco mais tarde, entrariam em grande quantidade nas Américas, como força de trabalho [de forma semelhante ao que já ocorria em relação aos povos das conquistas portuguesas da Ásia, chamados de mouros ou negros, mesmo os não muçulmanos].

As impressões de Pero Vaz de Caminha, autor da carta que anunciou ao rei português o "achamento desta vossa terra nova",<sup>14</sup> traz alguns exemplos dessas aproximações das representações entre índios e africanos, a partir de valores e de formas de distinção anteriormente empregados na Península Ibérica. No dia seguinte ao do achamento, o escravo produziria a primeira descrição dos nativos que apareceram andando nas praias da nova conquista, a que se chamou de Terra de Vera Cruz: "Eram ali 18 ou 20 homens, pardos, todos nus, sem nenhuma coisa que lhes cobrisse suas vergonhas".<sup>15</sup> Em 22 de abril de 1500, depois do primeiro contato entre homens da frota de Pedro Álvares Cabral e nativos, Caminha escreveria sobre esses últimos:

A feição deles é serem pardos, maneira d'avermelhados, de bons rostos e bons narizes, bem-feitos. [...] Traziam ambos os beijos de baixo furados e metido por eles um osso branco de comprimento duma mão travessa e de

grossura dum fuso d'algodão e agudo na ponta como furador. Metem-no pela parte de dentro do beijo e o que lhe fica entre o beijo e os dentes é feito como roque de xadrez; e em tal maneira o trazem ali encaixado, que lhes não dá paixão nem lhes estorva a fala, nem comer, nem beber. Os cabelos seus são corredios e andavam tosquidos de tosquia alta mais que de sobrepenete, de boa grandura e rapados até por cima das orelhas. E um deles trazia por baixo da solapa, de fonte a fonte para detrás, uma maneira de cabeleira de penas d'ave amarela, que seria de comprimento dum coto, mui basta e mui çarrada, que lhe cobria o toutuço e as orelhas, a qual andava pegada nos cabelos, pena e pena, com uma confeição branda como cera e não o era; de maneira que andava a cabeleira mui redonda e mui igual,<sup>16</sup> que não fazia mínima mais lavagem para a levantar.

Aos africanos mouros de Lagos, agregava-se antiga imagem de monstruosos (*monstrota*), defeituosos e demoníacos, muito apropriada, obviamente, ao julgamento cristão desses povos infieis que mantinham seu domínio sobre grande parte da Península ainda naquela época. Já aos nativos das conquistas novas, as imagens empregadas eram contrárias: natureza e maravilha (*naturalia e mirabilia*). Esse jogo de valores e de representações era produto cultural daquele tempo e deve, portanto, ser compreendido em sua historicidade. A conquista da América e o domínio dos nativos pelos católicos ibéricos era laureada pela vontade de Deus (caso contrário, no lugar de cruzes e templos, ergueriam-se mesquitas e minaretes) e de Roma. Assim, as imagens de inocência, inclusive com relação aos corpos nus que expunham sem vergonha alguma, estavam muito mais próximas ao paraíso edênico que se pretendeu encontrar.<sup>17</sup> Até os ornamentos muito diferentes usados pelos índios — botoques e cocares coloridos — ajudavam a compor essa imagem idealizada. Nos dois casos, e de forma inversa, os corpos foram tomados pelos cronistas como metáfora e como sumário do *ethos* de cada povo. A nudez, as escarificações, os cabelos e os ornamentos corporais dos

16 Ibid., p.37-9.

17 Buarque de Holanda, S. *Visão do paraíso; os motivos edênicos no descobrimento e colonização do Brasil*.

14 Caminha, *Carta a el-rei d. Manuel sobre o achamento do Brasil*, p.31.  
15 Ibid., p.35.



negros africanos, ao contrário do que se lê sobre os índios em Caminha, foram elementos frequentemente sublinhados pelos observadores, mas no sentido oposto, isto é, como demonstrativos da barbárie e da ausência de fé, de moral e de lei entre esses povos. Mas essas formas de identificação, assim como os termos empregados, nunca estiveram padronizados e, portanto, a variação no tempo e no espaço dos entendimentos e das descrições deve ser aspecto considerado. É bom lembrar, por exemplo, que, durante os séculos XVI e XVII, na Península Ibérica e no Brasil, pardos e mestiços eram chamados de *loros*, ao mesmo tempo que os índios do Brasil eram chamados de negros e os habitantes do Oriente Próximo, da Índia e do Ceilão eram denominados mouros ou negros. A cor da pele era imprescindível para a formulação dessas representações/valores, mas, por vezes, a origem e as crenças religiosas também se constituíam em importantes elementos de composição.

Tempos mais tarde, na primeira metade do século XVIII, passados os primeiros séculos de ocupação da América e da circulação planetária de gente e de culturas que se consolidou nesse período, publicou-se grande obra comemorativa dos duzentos anos da Companhia de Jesus. Nesses livros, inventariaram-se centenas de jesuítas que participaram das missões e colégios espalhados pelas quatro partes do mundo, de onde enviavam cartas descrevendo as atividades desenvolvidas, assim como povos, costumes, traços físicos dos convertidos ou dos resistentes. A partir dessa documentação, religiosos jesuítas escreveram pequenas biografias de seus antecessores, compondo-se, assim, os tomos publicados em Madri, em 1734.<sup>18</sup> Os relatos físicos e culturais

18 Cassani, *Glorias del segundo siglo de la compañía de Jesus*, dibuxadas en las vidas, y elogios de algunos de sus varones ilustres en virtud, letras, y zelo de las almas, que han florecido desde el año de 1640. Escritas por el. t.I. e VII. In: *Estadística de varones ilustres*, obra que empezó el Nieremberg, V. P. J. E. Dedicase al venerable Sacramento, A. S. que debaxo de veinte y quatro milagrosamente incorruptas formas se venera en el Colegio de la misma Compañía de Alcalá, y comúnmente se nombra las santissimas formas de Alcalá. Con licencia. Madri: Por Manuel Fernandez, Impresor de Libros, Año de M.DCC.LXXIV. (3 tomos)

dos povos contactados pelos jesuítas aparecem em grande quantidade e, como era de esperar, corpo e alma fundiam-se nessa visão católica do mundo. Para Angola, de onde foram levados centenas de milhares de escravos para as Américas, um pequeno trecho retirado do livro pode dar a dimensão da consolidação das imagens já muito antigas que se desenvolveram na Europa (assim como na Ásia, na África e nas Américas) sobre os negros e que continuavam sendo frequentemente empregadas, inclusive na África. Entre as páginas 397 e 416, os escritores enfocaram “a vida do padre Geronymo Vogado, da Província de Portugal”, espanhol que havia estudado em Coimbra e permaneceu 24 anos em Angola, durante o século XVII, tornando-se

[...] visitador da Missão, que havia em Angola, onde além dos sujeitos que se encontravam no Colégio de Luanda havia muitos divertidos entre aquela gente barbaramente negra, reduzidos a um tempo da Polícia, e da Fé, branqueando suas almas com a água do Batismo, e conseguindo, como conseguiram, infinidade para os Céus: glorioso afã, render suas forças para saúde das almas, exilar-se voluntariamente, para livrar do exílio eterno os que entre as sombras de sua cor viviam nas trevas da ignorância.<sup>19</sup>

Os acontecimentos de impacto planetário no fim do século XV, sobretudo o término da reconquista e a chegada dos ibéricos ao Novo Mundo, trariam inúmeras e profundas modificações nas formas de ver e de valorar o globo e os povos. As mestiçagens americanas alteraram profundamente o esquema inicial de representações dos negros e valorizaram os resultados biológicos e culturais do crisol colonial – mulatos, pardos, cabras, crioulos (cor), morenos, caboclos –, ao mesmo tempo que inauguraram um conjunto novo de representações sobre a amoralidade, a degenerescência, a barbárie, a luxúria americanas. Essa mistura relativizava antigas imagens pejorativas, mas também decretava a não civilização nos trópicos. Os corpos, novamente, foram emblemas desse novo universo.

19 Ibid., p.399, t.II. Tradução em português a partir do original em espanhol.

Desde as primeiras décadas do século XVI, logo depois da chegada dos europeus no Novo Mundo, uma prática já existente na Península Ibérica não só foi empregada, mas também intensificada. Tratava-se da distinção dos vários grupos que já naquela época passaram a compor as sociedades coloniais americanas. A cor da pele foi, talvez, a marca mais visível e a mais usada para identificar e classificar a população, que, aliás, a partir de então conheceu ritmos frenéticos de crescimento, seja provocado pela entrada maciça de gente vinda de várias outras partes do mundo, seja pelos nascimentos internos, fenômeno igualmente vertiginoso. Entretanto, a cor da pele não foi a única dessas marcas distintivas e, por vezes, cedeu lugar e/ou esteve conjugada com outros elementos também importantes, como origem geográfica e crenças religiosas. A prática foi muito comum tanto na área espanhola quanto na portuguesa, e nessas regiões adotou-se a categoria de *calidad* ou “qualidade” para diferenciar internamente cada grupo social. “Qualidade”, portanto, significou o conjunto de tipos que conformavam a realidade colonial, entre os quais brancos, negros, pretos, crioulos, *criollos*,<sup>20</sup> índios, mestiços, *mestizos*, pardos, mulatos, cabras, mame-lucos, curibocas, caboclos etc. Eram dezenas de categorias, algumas reempregadas na América e muitas outras criadas *in loco*, e todas elas correspondiam intrinsecamente às misturas biológicas, à cor de pele ou ao tipo físico produzidos. Várias animalizavam os indivíduos que abarcavam, como era o caso de *coyotes*, *lobos*, *cambujos*,<sup>21</sup> utilizadas nos vice-reinos da Nova Espanha e do Peru, de cabras, adotadas no Brasil, e, ainda, de categorias de uso generalizado, como mulatos.<sup>22</sup> Os

20 *Criollos* na área espanhola eram os filhos nascidos na América, tanto de espanhóis quanto de africanos.

21 Cavalo ou égua de cor negra. (N. E.)

22 Proveniente, provavelmente, de mula. Sobre a temática, ver os excelentes Forbes, *Black Africans & Native Americans. Color, race and caste in the evolution of red-black peoples* e Saiz, *Las castas mexicanas: un género pictórico americano*.

corpos na América, desde os primeiros tempos de ocupação europeia, foram diferenciados e classificados de forma mais ampla e detalhada que na Europa, o que permitiu o registro e o melhor conhecimento da intensa diversidade e da mestiçagem que marcaram a construção das sociedades coloniais nesse continente. Vale lembrar que não se tratou apenas de categorias empregadas de cima para baixo, isto é, por autoridades governamentais. Ao contrário, foram amplamente usadas no cotidiano pelos homens e mulheres que povoavam espaços urbanos e rurais e se distinguiram a partir dessas classificações. Pardos não se igualavam a negros nem estes se comparavam aos mulatos e assim por diante. As categorias (ou castas, como eram chamadas na América espanhola) convinham às autoridades coloniais, assim como aos grupos sociais que, motivados por uma série de fatores (prerrogativas, mercês, isenção de impostos, entre outros), não admitiam fundirem-se em um único e generalizante segmento social. No entanto, isso não impediu mestiçagens biológicas e culturais, o que, por vezes, forçou a invenção de novos itens de “qualidade”.

Tanta mistura biológica, tantos corpos coloridos, tantas culturas em frenético movimento de colonização, isto é, de conformação de um novo mundo, contribuíram fortemente para a construção de um *corpus* social absolutamente mestiçado nas Américas, o que, como já resaltei, não impediu distinções nem extinguiu conflitos inter e intragrupalis. Ao contrário do que muitas vezes se pensa e se induz a tanto, mestiçagem nunca foi sinônimo exclusivo de igualdade, de homogeneidade, de idilismo ou de dinâmica fraternal.

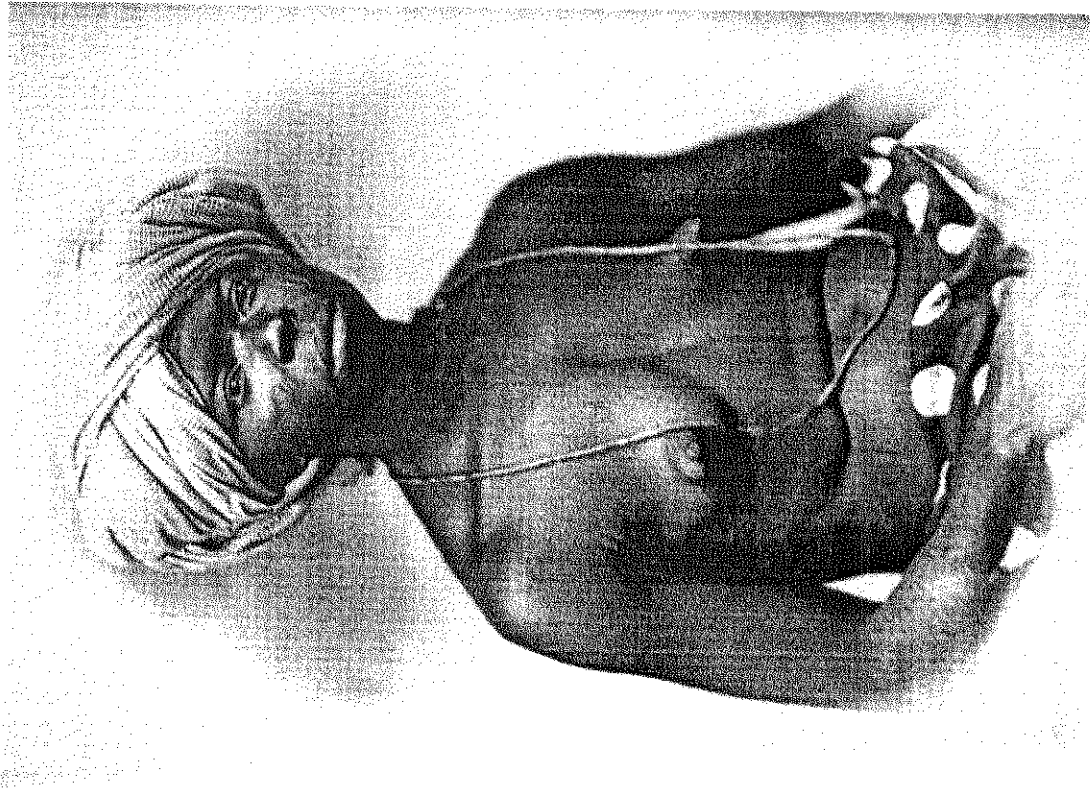
Essa mestiçagem americana desenvolveu-se associada, obviamente, a um forte componente sexual e sensual, fertilizado pela particular condição de uma ocupação eminentemente masculina – de europeus e africanos –, forte baixa no número de homens entre os nativos do Novo Mundo e presença de corpos femininos nus – índias, africanas e nascidas na América que raramente se ligaram a preceitos religiosos cristãos. São célebres as palavras desפורadas de Gilberto Freyre, escritas no início do século XX, descrevendo a chegada dos portugueses e o encontro deles com as índias:

O longo contato com os sarracenos deixava idealizada entre os portugueses a figura da moura-encantada, tipo delicioso de mulher morena e de olhos pretos, envolta em misticismo sexual – sempre de encarnado, sempre penteando os cabelos ou banhando-se nos rios ou nas águas das fontes mal-assombradas – que os colonizadores vieram encontrar parecido, quase igual, entre as índias nuas e de cabelos pretos, o corpo pardo pintado de vermelho, também os olhos e os cabelos pretos, e eram dóidas por um banho de rio e, tanto quanto as nereidas mouriscas, eram dóidas por um banho de rio onde se refrescasse sua ardente nudez e por um pente para pentear o cabelo. Além do que, eram gordas como mouras. Apenas menos ariscas: por qualquer bugiganga ou caco de espelho estavam se entregando, de pernas abertas, aos “caraibas” gulosos de mulher. [...] Podê-se, entretanto, afirmar que a mulher morena tem sido a preferida dos portugueses para o amor, pelo menos para o amor físico. A moda de mulher loura, limitada aliás às classes altas terá sido antes a repercussão de influências exteriores do que a expressão de genuíno gosto nacional. Com relação ao Brasil, que o diga o ditado: “Branca para casar, mulata para f...”, negra para trabalhar”, ditado em que se sente, ao lado do convencionalismo social da superioridade da mulher branca e da inferioridade da preta, a preferência sexual pela mulata.<sup>23</sup>

O antigo dito registrado por Freyre nessa passagem espelha profundamente a nova conformação social que floresceu nas áreas coloniais americanas. Mais do que isso: “negra para trabalhar” e “mulata para f...” atestava a profunda incorporação das antigas imagens depreciativas sobre africanos e africanas já indicadas antes e apresentava um elogio ao resultado biológico da mestiçagem em versão feminina – a mulata. A personagem foi desde cedo admirada nas regiões escravistas americanas, mas, sobretudo a partir do século XIX, foi associada ao genuinamente nacional e até à contribuição americana para o mundo (o que não é historicamente verdadeiro) em algumas das jovens nações, que buscavam constituir símbolos identitários próprios. Como que depurada dos vícios dos ancestrais africanos, provida de estonteante forma física e de sensualidade resultante das misturas biológicas sofridas, ela,

23 Ver Freyre, *Casa-grande & senzala*: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal, p.9-10.

Figura 3.3  
O negro na fotografia  
brasileira do século  
XIX, p.240.



... verdade, compunha um conjunto mais amplo de “americanos” que botou a reformulação, no Novo Mundo, do imaginário sobre alguns grupos sociais nativos. Junto das mulatas e dos mulatos, pardos(as) e mestiços(as), muitas vezes filhos bastardos de portugueses e de espa-

nhóis com escravas e servas se multiplicaram ao longo dos anos e, já no final do século XVIII, eram muito numerosos, sobretudo nas áreas mais urbanizadas, e reclamavam prerrogativas, mercês e privilégios. E, é claro, procuravam se sobrepor uns aos outros nesse antigo jogo de hierarquização social. Nesse caso, indumentária, ornamentos e insigní- nias, isto é, complementos e enfeites do corpo, foram absolutamente imprescindíveis. Já a nudez, as escarificações e os cabelos ritualmente arranjados parecem ter-se restringido aos(as) africanos(as) e, com o passar do tempo, se transformado em marcas de barbárie, inclusive na visão dos não brancos. Na verdade, tratava-se de marcas distintivas, e os mestiços, assim como os crioulos, buscaram, progressivamente, ao não empregá-las, distanciar-se dos pretos/negros.

De forma geral, portanto, o Novo Mundo inaugura uma lógica, uma estética e uma perspectiva social mestiças, nas quais os nascidos nesse universo galgavam rapidamente a escala social, em detrimento, sobretudo, de pretos e de índios. Em alguns casos e em algumas regiões, houve mesmo certa hegemonia dos mestiços em várias áreas culturais, intelectuais, políticas e administrativas. Famílias prestigiosas, originalmente mulatas e pardas, foram ao longo do tempo “embranchecendo-se” e ainda hoje se esquece dessas origens mestiças, projetando-se no passado um tom branco muito mais acentuado do que efetivamente foi. Isto é, não raramente pressupõe-se, equivocadamente, que as “élites”, os “poderosos”, os governantes e os intelectuais do passado eram todos europeus e descendentes brancos daqueles, o que impede que se conheça melhor as formas de ascensão socioeconômica de parcela importantíssima da população não branca. Mesmo que a estética, os gostos e os perfis desses grupos tenham tendido ao embranchecimento, isto é, a incorporar padrões e valores de certa elite branco-europeia, mesmo que a cor da pele tenha igualmente embranchecido e que as categorias mulato, pardo e *mestizo* tenham caído em desuso para esses mestiços de quarta ou quinta gerações, não se deve desvinculá-los de sua própria história. Independentemente de novos valores adotados e da terminologia distintiva empregada, essa história esteve intrinsecamente ligada a um antigo, intenso e dinâmico movimento de misturas biológicas e culturais que,

inclusive, patrocinou essas ascensões. Muito mais fortemente que na Europa, na Ásia e na África mediterrânea, na América esse *corpus* social mestiço forçou a inclusão entre as camadas privilegiadas de muitos filhos de intercursos sexuais ocorridos entre brancos e negros, entre brancos e índios e entre mestiços e esses outros grupos. Obviamente, o impacto de tudo isso sobre os universos culturais americanos e até mesmo sobre os de outras partes do mundo foi enorme. Isso incluiu desde formas de organização social, de constituição de famílias, de padrões de beleza e de riqueza, até a música, a alimentação, os gostos, as crenças e os valores, passando também pelas técnicas e conhecimentos de toda natureza. Na verdade, estudos sobre esse complexo processo histórico, sobre essa intrincada rede de relações sociais e sexuais, na perspectiva que se apresenta aqui, estão longe de ser exaustivos, o que coloca a historiadores e demais estudiosos do tema um grande desafio de pesquisa, assim como de revisão de conceitos e da própria historiografia já produzida.

### Os mestiços e o *melting-pot* americano

María del Carmen, mulata, quase branca, era neta de uma desgraçada escrava africana, que morrera leprosa, abandonada em sua choça na beira do rio. Era filha do alfaiate pardo ou mulato livre, quase branco, José Espinoza, e da *zamba*<sup>24</sup> María Chiquinquirá, os quais, antes de se casar, viviam em concubinato. Descendente de africana e de índio, essa última era muito jovem quando morreu a matriarca, María Antonia, e fora criada até os quinze anos pela índia Violante, sua madrinha. Com essa idade, saiu da área rural e foi morar em Guayaquil, dinâmica

24 Segundo Saiz, o termo é derivado do latim *strambus* e significava em 1611 “o que tem juntos os joelhos e separadas as pernas para fora”. Ainda conforme a autora, “o sentido de índio e negro do século XIX se explica pelo particular desenvolvimento das pernas do negro, de panturrilhas mais finas”. Zambo era o termo usado para identificar o mestiço de negro ou mulato e índio ou vice-versa. Ver Saiz, op. cit., p.25.

cidade portuária no Equador colonial, onde nasceu e viveu María del Carmen. Desde que chegara a esse local, sua mãe tornara-se conhecida dos comerciantes e dos escravos jornaleiros, pois, andando pelas ruas, “o movimento de suas cadeiras, percebidas através da saia que, úmida pelo suor do meio-dia, colava em seu corpo e o brilho áureo de sua pele clara”, lhe dava fama.<sup>25</sup> Embora vivesse como livre, María Chiquinquirá era escrava e, conseqüentemente, sua filha também, não obstante tivesse a pele ainda mais clara, seu pai fosse livre, tivesse ofício e boa estrutura econômica, morasse na casa destes e, além de tudo, soubesse ler e escrever. Proveniente do direito romano, base da legislação ibérica colonial, o princípio era o do *partus sequitur ventrem*, isto é, o parto segue o ventre, e filho de mãe escrava, assim o era.

Em 1794, essas duas mulheres receberam notícia inesperada, que lhes traria muitos transtornos. O proprietário de María Chiquinquirá requereu María del Carmen como sua escrava, tirando-a da família e transferindo-a para a casa de uma irmã dele, que era cega, a quem a menina deveria fazer companhia e para quem deveria ler. A reação de sua mãe foi imediata, resistindo à vontade senhorial. O caso, assim como muitos outros, foi parar na Justiça, transformando-se em processo no qual ela construiu argumentos no sentido de comprovar que era livre e, por isso, a filha não poderia ser escrava. Ajudada por uma comadre mulata e por outras mulheres, pretas e mestiças, ela conseguiu apoio do escrivão da cabilda de Guayaquil, que, então, deu início ao pleito. O argumento de liberdade era construído sobre o fato de María Antonia ter sido abandonada pelo antigo senhor por ter contraído lepra e a filha ter nascido depois disso. O abandono da infeliz lazarenta, que morrera só, agonizando e com o corpo apodrecido, transformara-se em liberdade automática. Por isso, Chiquinquirá nascera de ventre livre, não podendo ser tomada, nem a filha María del Carmen, como escrava do herdeiro do antigo senhor da mãe. Quatro anos se arrastaram até que o argumento fosse aceito na Real Audiência de Quito.

25 Ver Chaves, *La estrategia de libertad de una esclava del siglo XVIII: las identidades de amo y esclavo en un Puerto colonial*, p.26.

Durante esse tempo, houve muitas disputas e tensões enfrentadas por mãe e filha, que continuaram recebendo apoio das mulheres pretas e mulatas de Guayaquil, o que revela uma rede de relações sociais bem organizada, que incluía pessoas de variada cor de pele. Entretanto, os mulatos aparentemente se destacavam, talvez lastreados em situação socioeconômica privilegiada em relação à dos pretos, crioulos e índios. Ao longo desses anos de contenda, a menina quase branca, educada à moda senhorial (situação rara até entre as mulheres brancas), não deixou morrer o futuro, ainda que incerto e dramático. Mas saiu livre do processo e, como convinha às moças de igual estampa, María del Carmen já estava prometida a casamento, e o felizizado era também mulato.

Não muito longe de Guayaquil, outra cidade portuária destacava-se no cenário colonial: Cartagena de Índias. Era porta de entrada e saída de mercadorias da Europa e de outros destinos. No local, desembarcaram também várias dezenas de milhares de escravos africanos, sobretudo durante o século XVI e meados do XVII, quando o mercado brasileiro começou a expandir-se rápida e intensamente, tornando-se o maior e mais importante destino escravista americano. Ainda assim, a cidade que precocemente fora transformada em capital de província e sede episcopal não perdeu o brilho e continuou negociando riquezas, defendendo-se da invasão de piratas e corsários e recebendo gente de todas as partes do mundo, transformando-se, segundo as palavras de Manuel Tejado Fernandez, em “uma pequena cosmópolis de vida inquieta e cor insegura, com matiz exótico indiscutível”.<sup>26</sup> No meio de todo esse contingente humano, após a instalação do Tribunal do Santo Ofício, em 1610, religiosos, judeus portugueses e espanhóis, pretos e mestiços, além de pretensas feiticeiras e bruxas, deixaram-na ainda mais movimentada. Tão cedo quanto a Cidade do México, Lima e Salvador da Bahia, tão marcadamente quanto elas, o porto do Nuevo Reino de Granada tornou-se verdadeiro crisol de misturas biológicas e culturais, oferecendo-se como riquíssimo espaço de sociabilidades e de

26 Fernandez, *Aspectos de la vida social en Cartagena de Indias durante el seiscientos*, p.21.



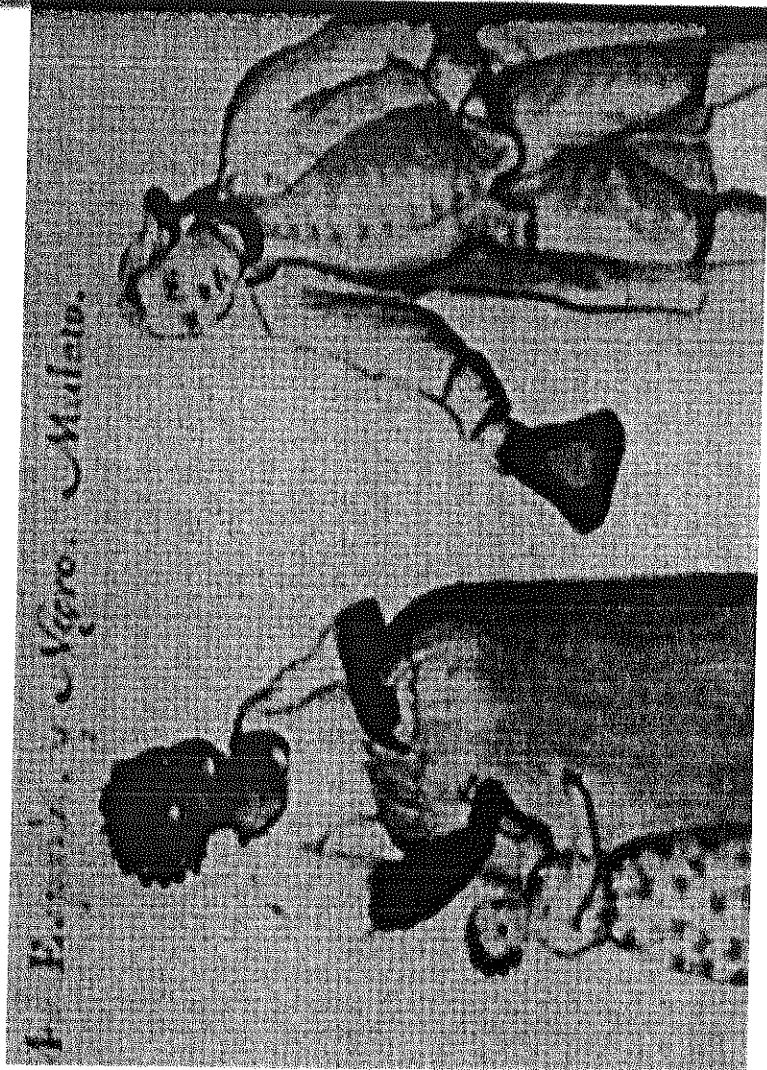


Figura 3-4

Desenho que acompanha o manuscrito de O'Crowley, *Idea compendiosa del reyno de Nueva España*, año 1774, que se encontra na Biblioteca Nacional, Madrid.

transgressões comprometedoras da empresa católica no Novo Mundo que, por isso, precisavam ser duramente reprimidas.

Nas ruas de Cartagena de Índias, protegidas pela grande muralha, é que andava desenvolvida e astuta doña Lorenza de Acereto, filha de espanhóis que haviam migrado em busca de fortuna, órfã de mãe desde os quatro anos de idade, criada sem o pai, sob a custódia do tio materno presbítero, protegida por amas índias. Nascera em 1585 ou 1586, naquela cidade. Casou-se ali, aos 11 ou 12 anos, com o escrivão público Andrés del Campo, de nobre família castelhana, que contava nessa época 37 anos de idade. Obrigados às bodas pelo clérigo, seu matrimônio foi desastroso. Lorenza conviveu com várias das amantes do marido, e duas delas chegaram a morar juntas, e outra, uma mulata do serviço de Lorenza, teve um filho com ele. Não era receituário para

se manter um bom casamento, certamente. Por isso, inicialmente, para que o cônjuge infiel passasse a amá-la e, em seguida, para matá-lo e se ver livre dele, Lorenza recorreu à “feitiçaria”, isto é, a poções, orações, práticas mágicas e mezinhas consideradas heréticas pelos inquisidores. Aos 24 ou 25 anos, logo após a instalação do Tribunal cartaginero, ela já havia sido denunciada, sendo presa em 1613. Alguns meses depois de interrogada e julgada, foi anunciada a sentença: leves penas morais, dois anos de desterro e multa de 4 mil ducados de Castilla. O fato de ser casada e ter quatro filhos com o escrivão, além de ser traída, certamente livrou-a de castigo mais duro.

O processo que envolveu doña Lorenza de Acereto, seu marido, criados e cúmplices de ambas as partes revela, entretanto, ainda mais sobre o *corpus* mestiço cartaginero do século XVII, certamente exemplo para outras cidades, como a Guayaquil do período seguinte, da *zamba* María Chiquinquirá e de sua filha mulata María del Carmen. Um dos cúmplices de Lorenza, escravo do frei agostiniano Antonio de Cisneros, o infeliz “mulato criollo de Lima” (assim denominado provavelmente por ter nascido ali), Juan Lorenzo, também foi preso pelo Tribunal de Cartagena de Índias, interrogado e teve de confessar uma série de transgressões. Seguindo os autos inquisitoriais produzidos entre 1610 e 1611, ele teria confessado a enorme ajuda prestada a doña Lorenza, que incluíra a obtenção de uma caveira humana, com a qual esta teria produzido um pó colocado na comida do marido; um destilador ou alambique trazido do Panamá por uma negra, usado para “retirar água de uma erva muito boa que existe em Tolú, que dizem que tomando-a nas mãos e untando-se o corpo com ela, morreria o homem pela mulher”; várias orações ensinadas e rezadas a ela.<sup>27</sup> Impressiona nesse pequeno rol a teia de contatos, de sociabilidades e de negócios que envolvia pessoas de diferentes “qualidades”, as quais transitavam por várias partes dos impérios espanhol e português, assim como a inequívoca mescla e/ou superposição de conhecimentos e crenças indígenas e católicas. O crisol biológico e cultural que surge

<sup>27</sup> A transcrição dos autos está em Fernandez, op. cit.

desses trechos retirados de autos inquisitoriais corrobora fortemente as conclusões apresentadas pelos estudos sobre a temática realizados nos últimos vinte anos, em vários países.

A autonomia com a qual, no dia a dia, esses mestiços investiam-se – tanto os escravos quanto os forros e os nascidos livres –, a mobilidade física, social e cultural que cultivaram, sobretudo nas áreas mais urbanizadas, as perspectivas de ascensão socioeconômica que aproveitaram com maestria, tudo isso parece ter sido comum nas extensas áreas coloniais ibero-americanas. Entretanto, como venho insistindo, nada disso impediu as distinções e os conflitos entre esses grupos e também com os demais segmentos sociais, não obstante compartilharem e cogereciarem espaços comuns de sociabilidades, bem como redes de contatos e negócios de toda natureza. Na América portuguesa, guardadas as incontáveis diferenças, muitas outras semelhanças existiram com relação à dinâmica social vivenciada nas áreas de domínio espanhol.

Em 1732, o governador de Minas Gerais, então uma das mais dinâmicas e ricas áreas de todo o Império Português, o conde das Galveas, deixou registro curto e impecável sobre o comportamento dos distintos grupos sociais, assim como sobre como eram vistos pelas autoridades. Nessa época, a região era uma das mais importantes produtoras de ouro e de diamantes (além de outras gemas preciosas) de todo o mundo e já contava uma população proporcionalmente grande. A riqueza mineral havia fomentado, rapidamente, o deslocamento – voluntário e forçado – de dezenas de milhares de pessoas em direção a Minas. O resultado foi que em poucas décadas constituiu-se aí uma sociedade comparativamente tão importante e complexa quanto a da Cidade do México, de Lima e também de Potosí. O início efetivo da ocupação e da exploração da área se deu nos últimos anos do século XVII e três ou quatro décadas depois o conde governador, André de Mello e Castro, asseverava, em documento endereçado a Sua Majestade, D. João V, rei de Portugal:

[...] em ordem aos negros forros é que estes ordinariamente são atrevidos, mas no mesmo tempo trabalham todos [...] os mulatos forros são mais insolentes porque a mistura que têm de brancos os enche de tanta soberba e vai-

dade que fogem ao trabalho servil com que poderiam viver, e vive a maior parte deles como gente ociosa que escusa de trabalhar. Deus guarde a muito alta e muito poderosa pessoa de Vossa Majestade. Vila Rica, 7 de outubro de 1732, o Conde das Galveas.

Uns eram atrevidos porque eram forros, enquanto outros eram mais insolentes, soberbos e vaidosos, pois, além de forros, eram mulatos. Esses adjetivos se traduzem por autonomia e mobilidade, já sublinhadas aqui, que essa gente experimentou e que encheu as autoridades de medo em todo o continente. Entretanto, combatê-los e exterminá-los nunca foi possível nem era conveniente: eram os filhos bastardos dos próprios conquistadores e das autoridades portuguesas e espanholas que engrassaram esse contingente nativo, sedento de poder, de distinções e de mercês. Este foi um dos mais importantes resultados do *corpus* social mestiço colonial: corpos de muitas cores, transitando, produzindo e construindo aquela sociedade.

A adoção ou conversão ao catolicismo de Roma, ainda que não domasse completamente os fiéis de todo o mundo, ajudava a ordenar o viver social e a, pelo menos, amedrontar os corpos e almas desregulados. No entanto, isso não impediu incontáveis concubinatos e rebentos gerados nesse estado, transgressões sexuais de toda ordem, prazeres da carne, sensualidade e sexualidade inchadas pelos corpos à mostra de escravas(os), libertas(os) e livres de todas as “castas”. Mas, se o controle sobre o viver não foi suficientemente eficaz, ele o foi muito mais sobre o morrer nessa sociedade colonial. Aí também os corpos mestiços foram alvo de atenção especial, ainda que em nada libidinosa. O morrer dos corpos e o salvar-se das almas eram das mais importantes ferramentas de controle social empregadas pela Igreja sobre toda a população. O aproximar-se do desterro, anunciado por doenças, acidentes e pela própria idade, demandava certa purificação dos corpos pecadores em razão da salvação das respectivas almas, fossem elas para o purgató-

18 Arquivo Público Mineiro/Câmara Municipal de Ouro Preto – código 35 – “Registro de editais, cartas, provisões e informações do Senado de petições e despachos – 1735-1736”, f.118-118v.

descendentes, mas também a partir dos malogros igualmente frequentes. Converter-se realmente ao catolicismo ocorreu a muitas, assim como a mescla de crenças religiosas africanas, europeias e indígenas. De toda forma, para aquelas que, à beira da morte, contavam com bens materiais e, portanto, deveriam fazer testamento, como era o costume, foi conveniente delinear um perfil de boa cristã.

Thiadozia de Crastos viera de Angola para Minas Gerais na primeira metade do século XVIII e se forrara na região. Solteira, sem filhos declarados, juntara alguma fortuna no final da vida. Morava no arraial de Nossa Senhora da Lapa, comarca do Rio das Velhas, e, em 1748, ditou seu testamento. Como muitos outros de gente de todas as “qualidades”, este era aberto com uma fórmula preexistente, usada pelos escrivães e juizes de órfãos. Entretanto, havia espaço para pequenas adaptações, pois as devoções variavam, assim como as invocações, as irmandades de filiação e até mesmo a menção ao santo ou santa de nome igual ao do testador, além do número de missas pela alma e do tipo de enterramento do corpo. Um trecho do testamento da angolana forra Thiadozia é exemplar nesse sentido:

Em nome da santíssima Trindade Padre e filho Espírito Santo três pessoas e um só Deus verdadeiro. Saibam quantos este instrumento virem que no ano do nascimento de nosso Senhor Jesus Cristo de mil setecentos e quarenta e oito anos aos três dias do mês de fevereiro do dito ano eu Thiadozia de Crastos, preta forra, estando em meu perfeito juízo e entendimento que nosso Senhor me deu de saúde e temendo-me da morte e desejando pôr a minha alma no caminho da salvação, por não saber o que nosso Senhor de mim quer fazer e quando será servido de me levar para si, faço este meu testamento na forma seguinte: Primeiro encomendo a minha alma à Santíssima trindade que a criou e rogo ao Padre eterno pela morte e Paixão de seu Unigénito filho a queira receber como recebeu a sua estando para morrer na Árvore da Vera Cruz. E a meu Senhor Jesus Cristo peço por suas divinas chagas que, já que nesta vida me fez mercê de dar seu precioso sangue e merecimentos de seus trabalhos, me faça também mercê na vida que esperamos dar o prêmio deles que é a glória. Peço e rogo à gloriosa Virgem Maria, nossa senhora Madre de Deus, e a todos os Santos da Corte Celestial, particularmente ao meu Anjo da guarda e à gloriosa Santa Thiadoza Santa do meu nome e à gloriosa (sic)

São Gonçalo, e ao glorioso São Benedito a quem tenho devoção queiram por mim interceder e rogar a meu Senhor Jesus Cristo agora e quando minha alma deste meu corpo sair porque como verdadeira cristã protesto de viver e morrer em a Santa Fé católica e crer o que tem e crê a Santa Madre Igreja de Roma e nesta fé espero de salvar a minha alma não por meus merecimentos, mas pelos da Santíssima Paixão do Unigénito Filho de Deus. [...] Meu corpo será sepultado na Capela de Nossa Senhora da Lapa, filial desta matriz do Sabará, em hábito de São Francisco, e será levado à sepultura com três cláusulas e todos me dirão missa de corpo presente por minha alma e, se no dia do meu falecimento se não achar mais que o Capelão da dita capela, este me dará a sepultura e se pagarão todos os direitos paroquiais ao meu reverendo vigário, como é costume. [...] Declaro que meus testamenteiros mandarão dizer por minha alma sessenta missas de esmola de meia oitava cada uma e assim mais mandarão dizer trinta missas pelas almas do purgatório da mesma esmola e assim mais deixo de esmola a Nossa Senhora da Lapa vinte oitavas de ouro e ao menino Jesus, cinco oitavas de ouro [...].<sup>30</sup>

Como dito antes, se a religião e a religiosidade não conseguiram domar completamente os corpos no viver cotidiano, isso em toda a extensão da América ibérica, foram-no de maneira muito mais eficaz ante a morte iminente. Na verdade, o embate entre os vícios do corpo e as virtudes da alma era tema muito antigo já à época e havia se popularizado, quando Thiadozia, um mulher escravizada e liberta no Brasil setecentista, assim como tantos outros testadores coloniais, concordou com os termos católicos e acrescentou a eles mais alguns elementos. Aí, corpo e alma retomavam, ainda que de forma menos explícita, papéis a eles atribuídos havia vários séculos.

O atormentado testador, mergulhado naquele mundo colonial barroco e mestiço, tentava, por meio de vários artifícios, salvar sua alma, demonstrando que, muitas vezes, ela discordara das atitudes reprováveis praticadas pelo corpo. Nesse momento, o todo era desmembrado, como as partes pudessem ser responsabilizadas por ter autonomia compor-

<sup>30</sup> APM/CMS códice 20, f.21v-23. Testamento de Thiadozia de Crastos – Arraial de Nossa Senhora da Lapa, 3 fev. 1748.

tamental. Passava-se, então, a mais rogos pela sorte da alma, já que o destino do corpo era apodrecer e retornar ao pó do qual se originara. Talvez por isso, em outras ocasiões, ele aparecia como o dominante e a alma, como submissa, o que poderia vir a pesar positivamente em seu julgamento. Era assim que, de maneira menos incisiva e dramática, a encenação testamentária assemelhava-se aos diálogos imaginários, tratados entre o corpo e a alma, comuns na literatura e no gosto popular europeus, desde a Idade Média. Vejamos um trecho de uma dessas conversas, traduzida do castelhano para o português no século XVIII e consumida com simpatia pelos leitores e pelos escutadores da época:

Lembra-te, Alma adormecida,  
De vícios mundanos farta,  
Que está a hora oferecida  
De deixarmos nossa vida,  
Pois a morte nos aparta.

Que deleites mais gostosos,  
Alma, já são acabados;  
Já os faustos mais pomposos,  
Com os dias mais vistosos,  
De mil prazeres cercados.  
[.....]

Caçando pelos outeiros,  
Com passatempo e folgar;  
Com criados e monteiros  
Correndo como toureiros,  
Sem na mesa cuidar.  
Conta darás desta caça<sup>31</sup>  
E quando andavas jogando.

31 Apud Martins, *Introdução histórica à vidência do tempo e da morte*, v.1, p.165-6. Trata-se da "Prática sentida entre o corpo e [a] alma", que apareceu em letra de forma, em Lisboa, em 1794, vertida por Diogo da Costa Ulisbonense.

A Alma responde ao Corpo, chamando-lhe de cruel e lamentando-se por ter feito tudo para agradar-lhe, e a contenda prossegue com trocas de acusações entre as partes. Esses debates de origem medieval ainda seriam reproduzidos e adaptados por muitas gerações, tanto em Portugal<sup>32</sup> quanto nas áreas de conquistas.

Na América colonial, já perto do século XIX, o *corpus* social mestiço contemplara porções biológicas e culturais de muitas partes e gentes. Nesse universo de mesclas, de convivências e de coexistências, de acordos, afetos, conflitos, complementações e invenções, de manutenção de tradições antigas e de construção de novos gostos e estéticas, homens e mulheres das quatro partes do mundo experimentaram fortemente sua recriação (nem a primeira nem a derradeira). Como em um pretensioso novo *Theatrum orbis Terrarum* (teatro do mundo/teatro universal), marcadamente conectado e mestiço, o pecado original, a *monstruosa* e os "corpos desafiçados"<sup>33</sup> pareciam poder facilmente ser depurados e redimidos pelo catolicismo ibérico, já tão adaptado às mestiçagens. É exatamente esta a ideia central do texto: a americanização do mundo ou a globalização mestiça, o que equivale a afirmar a conquista universal do mestiço, muito mais ampla e intensa que tudo o que antes existira nesse sentido. Os resultados desse longo processo histórico são tantos e tão diversos que dificilmente se poderia pretender arrolá-los e conhecê-los todos e profundamente. Tarefa impossível! Entretanto, basta dizer que nossa vida hoje, nossos ritmos musicais, nossos gostos e ideias, nossa

32 No início do século XX ainda se podia escutar, em Portugal, versos anônimos como os que seguem: *Corpo, Diz-me aonde vais, Minha leal companheira, Sempre me tens acompanhado E deixas-me desta maneira.*

Alma, Fica-te para aí, Corpo, Que só és cinza e pó, Eu vou dar contas a Deus E lá me acharei só; Seguiu-te teus apetites E bem nunca lhe encontrei, E as maldades que fizeste Agora as pagarei.

Ver Martins, op. cit., v.1, p.168-9. O imaginário medieval e moderno sobre o encaminhamento das almas ao céu, ao inferno e ao purgatório pode ser examinado nos textos geniais do teatrólogo português nascido no século XV e falecido no Quinhentos: Vicente, *Auto da alma e Os autos das barcas*.

33 Descritos pelo cronista Gomes Eanes de Azurara.

gastronomia, nossas formas de pensar, amar, produzir, sonhar e julgar, enfim, nossas formas mais comuns e prosaicas de viver são todos derivados íntimos desse *melting-pot* colonial. Deveria afirmar que se trata de uma estrondosa vitória mestiça?

## Conclusão

É sempre arriscado dar um fim, ainda que relativizado, a um tema sem fim... Como concluir um texto calcado em pesquisas insuficientes, em parca bibliografia, em pontos polêmicos e em verdadeiros tabus intelectuais? Não há respostas prontas para esse dilema que geralmente acompanha o trabalho dos historiadores.

Entretanto, posso, com convicção, sublinhar alguns pontos e reafirmar certas ideias expostas ao longo do texto. Iniciei chamando a atenção para o fato de as imagens e representações relativas aos povos da "Terra dos negros" terem se tornado muito depreciativas a partir do século XIV ou do XV, sobretudo diante de um olhar europeu e cristão, ao contrário do que se possa encontrar nas crônicas anteriores, escritas por viajantes, peregrinos e geógrafos muçulmanos. A célebre batalha de Lepanto, travada em 1571, com vitória dos cristãos sobre os muçulmanos, foi marco importante nessa mudança de olhar sobre os "pretos" e, a partir daí, cada vez mais se aprofundou a confusão feita na cristandade entre "turcos", "mourós", "pretos" e islâmicos. A expulsão dos muçulmanos da Península Ibérica em 1492 e a expansão do catolicismo ibérico sobre o Mediterrâneo africano e sobre o Novo Mundo são outros marcos indispensáveis para entender melhor a depreciação física, intelectual, cultural, religiosa, humana dos negros da África e, inclusive, para se compreender o enorme e inédito comércio transatlântico de escravos que se inicia em seguida. Obviamente, não são apenas esses acontecimentos que explicam a construção do imaginário pejorativo, e muitos outros elementos certamente podem ser evocados para elucidar o fenômeno. Até mesmo a Bíblia, mais exatamente o Livro de Gênesis, foi frequentemente usada nesse sentido, voltando-se à mal-

dição que Noé proclamara sobre os descendentes de Cam, um de seus filhos. Também as célebres cruzadas, em resposta ao anterior avanço do Islã sobre todas as direções do mundo conhecido, contribuíram para enegrecer a pele de todos os não cristãos e, assim, associá-los às trevas, ao mal e à silhueta disforme e horrível do demônio.

A imagem demonizada, deturpada e deformada dos negros africanos encontrava-se arraigada no universo da cristandade, quando o Novo Mundo foi conquistado. É claro que, com os conquistadores e autoridades e também com os populares ibéricos que migraram para as Índias Ocidentais, isto é, para a América, esse imaginário transpôs o Atlântico e implantou-se com algum vigor. Entretanto, desde as primeiras décadas de ocupação, o Novo Mundo, mais que a Europa, recebeu numerosas levas de pretos. Não obstante, o radicalismo relativo à depreciação física e cultural desses povos não parece ter adquirido a mesma dimensão existente no Velho Mundo. Claro, estava afastado o contexto da reconquista, das cruzadas contra inféis, das batalhas religiosas... O universo americano era bem distinto e possuía características únicas. Os povos nativos, chamados de índios, ainda que em decadência demográfica, eram elemento novo e a este não se dispôs o mesmo tratamento dado aos negros, bárbaros, inféis e judeus. A mestiçagem biológica e cultural, ainda que não fosse fenômeno inédito, assumiu tais dimensões no Novo Mundo tanto na rapidez que as mesmas ocorreram quanto na extensão adquirida e em seu impacto mundializante, que acompanhou uma americanização do planeta. Esse fenômeno esteve calcado no trânsito de gente, de culturas e de mercadorias que se ampliou e se intensificou enormemente depois do século XVI. Enfim, diferentemente do ocorrido na Europa, nas Américas o contingente de escravos negros, muito expressivo já no século XVI, parece ter sido menos demonizado, incluídos os corpos deles, que, sublinhe-se, mais descobertos ficaram em clima tropical. Não significa afirmar que esses homens e mulheres não experimentaram os sofrimentos do cativo nem que viveram tranquilos e felizes... Mas em sociedades novas, de fronteiras abertas, em sentido amplo, representaram menos riscos e foram mais necessários. Afinal, povoar era mister.



Índias, negras e, mais tarde, mulatas, pardas, cabras, *mestiças* e mestiças de maneira geral, além de algumas mulheres brancas, conformaram o *corpus* gerador das mestiçagens americanas, que conferiram novos valores aos grupos sociais e transformaram seus frutos mesclados em principais artífices de um mundo novo. Este não foi cristão invadido por muçulmanos e reconquistado, como a Península Ibérica; não foi muçulmano, como o Oriente Próximo e boa parte da Ásia e da África; não foi hindu nem foi império fechado, como a China. Ao contrário, nasceu e desenvolveu-se sob a égide de muitas misturas, sem um eixo identitário único, amálgama político, religioso e cultural, ainda que mitificado. Há, portanto, uma diferença histórica bastante importante entre essas partes do mundo e a quarta, que, em poucas décadas de constituição colonial, já causava impacto planetário. O *corpus* social mestiço nas Américas formara-se, biologicamente, a partir de corpos deslocados no espaço e no tempo e de nativos, que se mesclaram ao longo do período. Talvez por isso o imaginário americano relativo aos negros seja bem mais matizado e menos radical que o europeu. Mães negras, pretas e crioulas de filhos bastardos, cujos pais eram autoridades metropolitanas, negociantes, militares, religiosos ibéricos instalados nos arraiais, vilas e cidades coloniais, assim como *criollos* espanhóis e filhos de portugueses já nascidos no Brasil, foram muito comuns em todo o período. Parte significativa desses bastardos, classificados como pardos, mulatos e até mesmo como brancos, de acordo com a necessidade e a conveniência, ascendeu social e economicamente, estudou em universidades e em colégios americanos e europeus, ocupou cargos administrativos e militares e sagrou-se religiosa; enfim, engressou a elite colonial. Não se deve esquecer disso nem subestimar a importância desse fenômeno. Até a proibição de uso de insígnias e de objetos distintivos por parte de não brancos foi norma real impossível de se fazer valer nas áreas coloniais americanas. Os casos reproduzidos na última parte do texto exemplificam bem esse universo mestiço colonial americano, acentuando-se dois outros aspectos imprescindíveis para sustentar os argumentos aqui apresentados: a mobilidade social experimentada por eles e a dinâmica social que coproduziram. Por isso, é necessário sublinhar: esses poucos personagens evocados aqui não

são exceções pinçadas nos arquivos antigos. Longe disso: são incríveis sumários do viver e do morrer, do empreender e do resistir, do pensar e do acreditar que conformaram aquelas sociedades e as pessoas de distintas “qualidades”, castas e cores de pele que nelas atuaram. Por tudo isso, pode-se dizer com convicção que o *corpus* mestiço colonial americano alcançou dimensões que superaram em proporção e em complexidade os movimentos anteriores de misturas biológicas e culturais ocorridos nas outras partes do mundo.

É óbvio que, durante todo o período de escravidão, os negros africanos (com os índios) ocuparam a base da pirâmide social, inclusive no que se refere aos padrões de beleza, à capacidade criativa e ao nível de civilização, para usar termos e valores daquela época. Entretanto, ainda que fossem considerados (principalmente as mulheres negras) matrizes de uma anunciada e cultivada degenerescência social, o ambiente profunda e dinamicamente mestiçado americano serviu para amortecer o peso de imaginário e de representações demasiadamente depreciativas e desqualificativas deles. Afinal, não foi coisa sem importância, nesse quadro, ter mães, avós e, às vezes, pais e avós negros. A família, ao contrário do que se pensou durante muito tempo, foi instituição sólida entre escravos e libertos. No entanto, na maioria das vezes não teve o mesmo formato da família cristã/europeia, o que confundiu muitos estudiosos, que não conseguiram vê-la.

As ideias de moral degenerada, de desregramento sexual, de preguiça natural, de incapacidade criativa, pelo menos desde a segunda metade do século XIX, estiveram intimamente ligadas a outra: a de raça inferior. Este seria o principal legado negativo do passado marcadamente africano e mestiço, na visão de intelectuais, autoridades e políticos daquela época. Opinião muito semelhante se cultivou em vários dos então recém-independentes países americanos, quase todos repúblicas. Mas essa visão negativa sobre os ascendentes antigos perdurou poucas décadas e, mesmo assim, não foi homogênea. No dia a dia das populações americanas, tão profundamente mixadas, contrapuseram-se práticas culturais que, generalizadas, não permitiram a completa desqualificação do passado e do presente mestiços, nem uma absoluta

deformação das matrizes negras. A música popular da época, a culinária, a indumentária, a sensualidade do viver, a estética corporal, todas muito mescladas, já se encontravam impregnadas de nacionalismos e de identidades populares, evocadas por vários grupos. No início do século XX, o elogio da mestiçagem ou, pelo menos, de certa civilização com tal peculiaridade, já aparecia nos escritos de importantes pensadores latino-americanos, no Brasil, em Cuba, no México e em outras partes. A americanização do mundo, tão marcante nos séculos XVI e XVII, parecia querer revigorar-se, e a civilização mestiça, sobretudo à brasileira, pretendeu-se modelo universal de sociedade. Nessa altura, a mulata já era a tal e até hoje não perdeu o rebolado.